

Mídia
Data
Evento
Página

Web
09.Fev.2026
100 Sóis

<https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2026/02/beatriz-milhazes-nao-queria-ser-aceita-so-pelo-vies-poetico-ou-emocional-queria-ser-reconhecida-pela-inteligencia.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

Marie Claire
Priscilla Geremias
Beatriz Milhazes

ENTREVISTA

“ Não queria
ser aceita só
pelo viés poético
ou emocional.
Queria ser
reconhecida pela
inteligência ”

BEATRIZ MILHAZES

A brasileira viva mais valorizada do mundo artístico fala sobre o processo criativo que une o silêncio do ateliê a escalas monumentais. Ela também reflete sobre o mercado global, a luta contra o estigma do feminino na arte e o vigor necessário para inovar na abstração aos 65 anos

Por PRISCILLA GEREMIAS

FOTO: VICENTE DE PAULO/DIVULGAÇÃO

Mídia
Data
Evento
Página

Web
09.Fev.2026
100 Sóis

<https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2026/02/beatriz-milhazes-nao-queria-ser-aceita-so-pelo-vies-poetico-ou-emocional-queria-ser-reconhecida-pela-inteligencia.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

Marie Claire
Priscilla Geremias
Beatriz Milhazes



Mídia
Data
Evento
Página

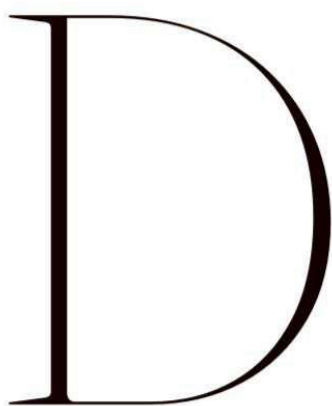
Web
09.Fev.2026
100 Sóis

<https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2026/02/beatriz-milhazes-nao-queria-ser-aceita-so-pelo-vies-poetico-ou-emocional-queria-ser-reconhecida-pela-inteligencia.ghmtl>

Veículo
Autor
Artista

Marie Claire
Priscilla Geremias
Beatriz Milhazes

ENTREVISTA



DEPOIS DE UM BIÊNIO vertiginoso, em que ocupou a Bienal de Veneza e o Guggenheim de Nova York com a exposição individual *Rigor e Beleza*, Beatriz Milhazes volta o olhar para o horizonte que a formou. Em setembro passado, a artista realizou sua primeira exibição no Rio de Janeiro em 12 anos, *Pinturas Nômades*, na Casa Roberto Marinho. A mostra reuniu reproduções de 17 intervenções arquitetônicas, revelando processos semelhantes às suas produções de escala monumental criadas para espaços como a Ilha de Inujima (Okayama, Japão, 2017), a Fundação Cartier (Paris, 2009) e o Tate Modern (Londres, 2005). O destaque ficou para o projeto inédito "Corumbê", em vinil colorido recortado, que transformou as janelas do térreo da instituição carioca.

Com quatro décadas de carreira, duas delas expandindo sua pesquisa para o espaço público, Milhazes transpõe o rigor das telas para a arquitetura das cidades. O movimento de retorno ao lar segue agora para Salvador, com a mostra *Beatriz Milhazes: 100 Sóis*, no Museu de Arte da Bahia (MAB), em cartaz até 26 de abril. Sua primeira individual na capital baiana oferece um vislumbre de diferentes fases de sua trajetória, reunindo uma ampla seleção de obras que percorrem 30 anos de produção.

Essa presença urbana ganha um novo marco geográfico na Avenida Paulista. Após a histórica exposição *Beatriz Milhazes: Avenida Paulista* (2020-2021) no Masp e no Itaú Cultural, a artista agora assina a obra permanente que reveste o túnel de 40 metros ligando o edifício histórico de Lina Bo Bardi ao novo prédio Pietro Maria Bardi. O projeto consolida a marca de Milhazes no coração cultural do país.

Expoente da Geração 80 – movimento que resgatou o prazer da pintura e das cores após anos de rigor conceitual e censura política – e considerada hoje a artista brasileira viva mais valorizada no mercado global, ela não se deixa deslumbrar pelas cifras. "Mercado é mercado, desenvolvimento criativo é desenvolvimento criativo. Acredito que só alcancei isso porque meu foco sempre foi na rotina do ateliê", diz. O local permanece sendo seu refúgio de silêncio no Horto, onde cria tendo o Jardim Botânico e a Floresta da Tijuca como vizinhos.

Aos 65 anos, Milhazes reafirma que sua geometria vibrante – muitas vezes lida sob o estigma redutor do "feminino" – é, na verdade, um ato de profunda inteligência e resistência política. Essa base foi consolidada por seus pais, Glaucê, professora de história da arte, e José Milhazes, advogado. "Tive a sorte de ter pais que eram contra o regime militar e que sempre incentivaram o orgulho de ser brasileira." A Marie Claire, a "ativista da arte" – como ela se define – fala sobre a força física necessária para pintar na maturidade, a ambição de inovar na

abstração e por que acredita que a melhor arte contemporânea do mundo, hoje, fala português.

Após uma sucessão de exposições fora do Brasil, como está sendo este momento de retorno ao lar?

Venho de uma sequência bastante rica e intensa. A Bienal de Veneza foi um momento histórico para o Brasil e a individual no Guggenheim, em Nova York, um reconhecimento que me trouxe muita alegria. Essa trajetória dentro de uma esfera institucional internacional de tanto peso funciona como o coroamento da minha carreira lá fora. Mas o Brasil é fundamental para mim – e não apenas em termos de carreira, mas para o desenvolvimento do meu próprio trabalho. O Rio de Janeiro e a consciência de onde é minha casa foram os motores para que eu inovasse dentro do pensamento da arte abstrata. É com muita satisfação que apresento essas mostras no Rio e em Salvador.

Mesmo em um momento em que a produção, a circulação e a visibilidade da arte parecem mais descentralizadas, o eixo Rio–São Paulo ainda detém um poder simbólico. Como você enxerga isso? Ele ainda dita o que é a arte brasileira para o mundo?

Minha intenção sempre foi trazer as questões do nosso contexto para o universo da abstração, mesmo a minha geração, a de 80, crescendo sob a ditadura militar. Tive a sorte de ter pais que se opunham ao regime e que sempre nutriram o orgulho de ser brasileiro. Mas foi uma geração marcada por um período triste, com pouco entusiasmo pelo que desenvolvemos em nossa cultura. Como tive uma formação diferente em casa, nunca esqueci minhas raízes. É preciso que exista um ecossistema de interesses sobre os artistas e sinto que, nos últimos anos, esse olhar para si mesmo cresceu. O mercado e as instituições entenderam que a centralização não beneficia ninguém. O eixo Rio–São Paulo ainda predomina, mas o Brasil é imenso. Cada vez que saio desse circuito, descubro como meu trabalho atinge as pessoas. Defendo a democratização e a inclusão da arte.

Sua linguagem geométrica extrapola as telas para ocupar fachadas e espaços urbanos em escala monumental. Como enxerga esses diferentes espaços expositivos?

A exposição na Casa Roberto Marinho ilustra bem isso. O [curador] Lauro Cavalcanti tem a sensibilidade de

"Vivemos um momento político complexo e a arte é a ferramenta para resgatar um olhar mais generoso"

BEATRIZ MILHAZES

Mídia
Data
Evento
Página

Web
09.Fev.2026
100 Sóis

<https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2026/02/beatriz-milhazes-nao-queria-ser-aceita-so-pelo-vies-poetico-ou-emocional-queria-ser-reconhecida-pela-inteligencia.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

Marie Claire
Priscilla Geremias
Beatriz Milhazes



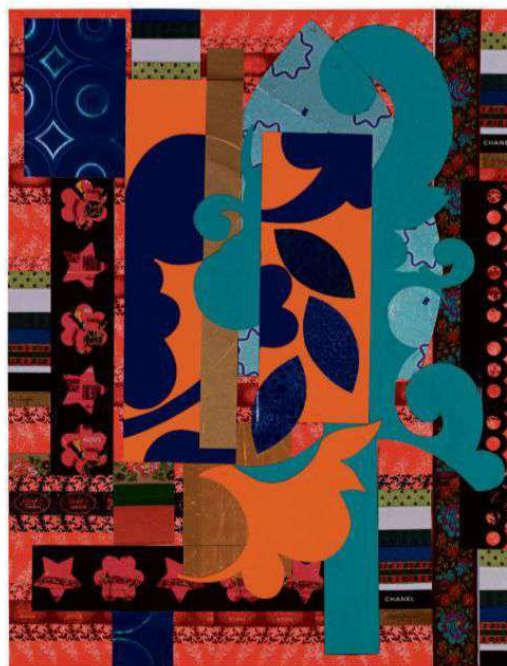
Acima, pintura
"Moracujola" (2020);
abaixo, "A Valsa das
Folhas II" (2024)

transformar mostras de arquitetura, que às vezes são muito técnicas, em algo visualmente envolvente, que transporta o público para o ambiente da criação. Meu primeiro desafio nesse sentido foi em 2004, na Selfridges, em Manchester, desenhando para uma fachada de vidro e alumínio. Foi um divisor de águas. Primeiro, pelo desafio de desenhar sobre uma planta arquitetônica. Na época, eu não fazia desenhos preparatórios para as pinturas, hábito que adotei depois. Segundo, pela escala. O desenho manual virou uma linha digital ampliada para 30 metros, transformando-se em um vinil recortado que funciona como um vitral.

Esse trabalho abriu portas não só para meu processo criativo, mas para a percepção de que a arte pode estar onde as pessoas não esperam. É aí que ela exerce sua função social e nos faz pensar de maneira diferente. Sou uma ativista da arte. Seja em Inujima, no Japão, onde a obra "Yellow Flower Dream" ocupa uma área revitalizada da ilha que estava desaparecendo, ou no Hospital Presbiteriano de Nova York, de onde recebo cartas de pacientes dizendo que se sentiram melhor durante o tratamento. Isso prova que a cultura transforma as pessoas.

Crescer em meio à ditadura e fazer parte da Geração 80 marcou sua visão política da arte?

Como mulher latino-americana, olhar para meu contex-



FOTOS: CORTESIA

Mídia
Data
Evento
Página

Web
09.Fev.2026
100 Sóis

<https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2026/02/beatriz-milhazes-nao-queria-ser-aceita-so-pelo-vies-poetico-ou-emocional-queria-ser-reconhecida-pela-inteligencia.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

Marie Claire
Priscilla Geremias
Beatriz Milhazes

ENTREVISTA



“Hoje, a melhor arte contemporânea produzida no mundo é a brasileira”

B. M.

to carioca e brasileiro já é um ato político. Levar essa vivência para a pintura – frequentemente rotulada como “alta arte”, um domínio que supostamente não nos pertencia – foi uma afirmação de espaço. Entendi como eu poderia me impor nesse universo. Digo que sou uma ativista porque acredito no poder inclusivo da arte. É por isso que trabalho com educação, professores e crianças. O artista é alguém impelido a inovar. Ser ativista é incluir, e o mundo precisa disso hoje. A inclusão ganhou terreno, mas vivemos um momento político e econômico complexo, e a arte é a ferramenta para resgatar um olhar mais generoso.

Nos início da carreira, você temia que sua obra reforçasse estereótipos brasileiros? A ideia era subvertê-los?

No início, eu pisava em ovos. Por ser uma mulher latino-americana usando cores e elementos do Carnaval – algo muitas vezes visto de forma pejorativa –, tive que provar o rigor e a seriedade do meu trabalho para escapar do exótico. Meu grupo, liderado pelo Marcantônio Vilaça, tinha isso muito claro: queríamos entrar nas grandes instituições e galerias que não reforçassem essa visão estereotipada.

Sua obra é frequentemente descrita como exuberante e solar – adjetivos muitas vezes associados ao universo feminino. Você já sentiu preconceito por parte de um sistema machista?

Toda mulher enfrenta imposições no ambiente de trabalho. O crítico Ivo Mesquita disse uma vez que o que eu mais tinha de “Brasil” era a liberdade – aquela que vemos na exuberância cromática e na “selvageria” de formas de um desfile de Carnaval. Sempre quis trazer essa energia para o meu trabalho. O fato de eu ser mulher me permitiu essa audácia, mas havia uma subestimação: o que esperavam de mim em termos de rigor intelectual? Eu não queria ser aceita apenas pelo viés poético ou emocional. Queria ser reconhecida pela inteligência. Sempre fui ambiciosa no sentido de acreditar que poderia introduzir algo genuinamente novo na história da arte abstrata. O crédito pela inovação ainda é voltado aos homens, mas as mulheres estão, finalmente, sendo validadas como pensadoras, e não apenas como poetisas.

Antes de você, Tarsila do Amaral também conquistou o mundo com as cores. Você sente que honra o legado dela? Como vê sua posição hoje, no topo, ao lado de nomes como Adriana Varejão e Rosana Paulino?

Nesse aspecto, o Brasil é um ponto fora da curva. Nossa história da arte foi construída majoritariamente por mulheres, o que é incomum globalmente. Estudei essas mulheres com minha mãe, que era professora de história da arte, e isso moldou minha percepção e, imagino, a de artistas como a Adriana e a Rosana. Nunca cresci achando que a história não era lugar para nós. Pelo contrário, Tarsila sempre foi uma coluna sólida no meu trabalho; vejo-me como uma continuidade. Somos um grupo forte – eu, Adriana, Leda Catunda, Cristina Canale – ocupando a pintura e outras áreas. É um legado brasileiro.

No cenário internacional, você sente que recebe um tratamento diferente por ser brasileira?

Foi um processo longo, de mais de 30 anos. Nos anos 1990, a revolução digital e a globalização abriram portas para regiões que antes não despertavam interesse. O grupo com projeção internacional ainda é restrito, mas a tendência é crescer. E não é apenas por um interesse global passageiro, mas porque a arte brasileira é extraordinária. Temos criatividade e inteligência. Arrisco dizer que, hoje, a melhor arte contemporânea produzida no mundo é a brasileira.

Suas obras estão entre as mais valorizadas do mercado. Esse reconhecimento financeiro protege ou pressiona sua liberdade criativa?

Os patamares que alcancei são os mesmos de muitos artistas estrangeiros, faz parte da dinâmica de uma carreira internacional. Na América Latina, esses números

FOTO: VICENTE DE PAULO/DIVULGAÇÃO

Mídia
Data
Evento
Página

Web
09.Fev.2026
100 Sóis

<https://revistamarieclaire.globo.com/cultura/noticia/2026/02/beatriz-milhazes-nao-queria-ser-aceita-so-pelo-vies-poetico-ou-emocional-queria-ser-reconhecida-pela-inteligencia.ghtml>

Veículo
Autor
Artista

Marie Claire
Priscilla Geremias
Beatriz Milhazes

ainda assustam porque não temos um mercado consolidado, mas é um movimento novo e positivo para todos. O mercado é uma parte importante do reconhecimento.

Esses trabalhos monumentais exigem esforço físico.

Aos 65 anos, como é sua relação com o corpo e a mente?

Minha essência é a mesma, mudei pouco psicologicamente. Mas o corpo muda e eu cuido dele rigorosamente para o trabalho. Sou atenta à nutrição e faço exercícios desde os 20 anos – já pratiquei até a alimentação macrobiótica. Pode-se pensar que pintar não exige tanto, mas o artista precisa de força física. Para executar uma ideia genial, você precisa de disposição para subir escadas, encarar viagens e manter a saúde muscular. O corpo é o suporte da execução.

Sua estética dialoga com a moda e o design. Como lida com a democratização e a comercialização da sua identidade visual?

O design e o raciocínio das formas sempre foram referência para mim. Mas, na pintura, você precisa filtrar o que resolve questões pictóricas. Admiro a moda, mas a diferença é que o design tem o limite do uso, enquanto o artista é livre. O design é um métier específico que não me atrai tanto como criadora. Recebo muitos convites, mas, se um dia eu abrir essa porta, quero que seja para algo vestível, que as pessoas realmente usem. Esse seria o verdadeiro desafio de inteligência criativa.

Recentemente, houve uma discussão em torno da

crítica do jornalista Silas Martí sobre a Bienal de São Paulo e o “ego” de seu curador. Como você enxerga a relação entre a curadoria e o protagonismo das obras?

Acho a crítica fundamental. O Silas Martí ocupa um espaço importante, pois a crítica de arte perdeu força com as redes sociais. Para mim, a Bienal de São Paulo é vital – é a única na América Latina com real peso internacional. É impossível realizar uma Bienal sem gerar críticas. Mas o grande mérito desta edição foi colocar a arte afro-brasileira no centro das atenções. Esse ganho é incontestável.

Você lê o que escrevem sobre você?

Sim, acompanho tudo. Sou controladora [risos]. Como trabalho sozinha, quando a obra vai para o mundo, ela vira comunicação. Sou formada em jornalismo, então esse meu lado comunicadora acaba aflorando. O diploma está guardado, mas as redes sociais trouxeram isso de volta. Quero cuidar da forma como meu trabalho se comunica com as pessoas e recebo o feedback com positividade.

Você planeja escrever um livro? O que podemos esperar dele?

Tenho escrito textos para as mostras atuais, como esta de Salvador. O livro ainda é um projeto, mas quero falar sobre o Brasil dos anos 1990 e o início da internacionalização dos nossos artistas. São histórias fundamentais que não quero que se percam no esquecimento.

Quais são seus próximos passos profissionais?

Minha agenda já está em 2028. Além de Salvador, terei uma exposição na Pace Gallery, em Tóquio, no fim do ano. E haverá a inauguração do túnel do Masp, o maior projeto mural da minha carreira. Ele ligará os dois prédios e será uma grande forma de comunicação com o mundo. Unir dois museus por um percurso artístico é algo encantador. ■

FOTO: CORTESIA

Obra de Beatriz
Milhazes de 1993

